



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

MÁRIO GUILHERME BULÇÃO DE SOUZA

(depoimento)

2009

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-159

Entrevistado: Mário Guilherme Bulcão de Souza

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: Não informado

Entrevistadores: Bruno Campos Mesquita e Carolina Contessa

Data da entrevista: 04/11/2009

Transcrição: Bruno Campos Mesquita

Conferência Fidelidade: Tuany Defaveri Begossi

Copidesque: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Total de gravação: 10 minutos

Páginas Digitadas: 5

Observações: Entrevista realizada como atividade da disciplina “História da Educação Física” oferecida no segundo semestre de 2009 para o curso de Licenciatura em Educação Física.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

SOUZA, Mário Guilherme Bulcão de. *Mário de Souza (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

Sumário

Formação acadêmica do entrevistado; envolvimento com o Serviço de Recreação Psiquiátrica dentro do Hospital São Pedro: atividades realizadas com os pacientes, objetivos com as atividades; pressões sofridas dentro do Hospital; resultados visíveis nos pacientes; surgimento do Serviço de Recreação do Hospital; conhecimentos dos Primeiros Socorros; gratificação com o trabalho desenvolvido.

Porto Alegre, 04 de novembro de 2009. Entrevista com Mario Guilherme Bulcão de Souza, a cargo dos pesquisadores Bruno Campos Mesquita e Carolina Contessa para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

B.M. – Guilherme foi um dos fundadores do serviço de Recreação Psiquiátrica do Hospital São Pedro. Guilherme, qual a sua formação acadêmica?

M.S. – Sou formado em Educação Física pelo IPA¹.

B.M. – O que o levou a querer exercer essa profissão?

M.S. – Eu já era funcionário da Secretaria de Saúde quando me formei em Educação Física. Quase tudo que fiz ou tentei fazer na vida, chamava-me sempre a atenção a parte da saúde das pessoas, a parte física, mental, tanto que eu fui fazer o curso de paraquedismo no Rio de Janeiro em 1964 e acabei fazendo um curso de enfermagem dentro do paraquedismo. A saúde sempre me chamava atenção, era uma prioridade. Então, por isso que acabei me engajando nesse projeto de criar o Serviço de Recreação Psiquiátrica dentro do Hospital São Pedro².

B.M. – De que maneira era usada a Educação Física na Recreação Psiquiátrica?

M.S. – Basicamente a Recreação Psiquiátrica, como a palavra diz, propõem-se não só a fazer um serviço de recreação com o paciente, mas também a parte esportiva quando possível. Então, nós adaptávamos atividades para os pacientes. Nós fazíamos várias tentativas de adaptação até as coisas funcionarem. Por exemplo, nós tínhamos atividades lúdicas com palco aberto, teatro, música. Mexia-se com esporte sempre que possível. O futebol chamava atenção dos pacientes, o vôlei, quando não dava para se jogar, se adaptava, ou seja, ao invés de fazer o toque, segurava-se a bola com as mãos, em uma espécie de “Nilcon”. Adaptavam-se todas as atividades aos pacientes. O São Pedro tinha

¹ Instituto Porto-Alegrense. Rede Metodista de Educação do Sul.

² Hospital Psiquiátrico São Pedro. Foi o primeiro hospital psiquiátrico de Porto Alegre. A construção foi iniciada em 1879, tendo a primeira parte finalizada em 1884, e o último pavilhão foi inaugurado apenas em 1903. A inauguração ocorreu em 29 de junho de 1884, Dia de São Pedro, padroeiro do Rio Grande do Sul.

alas masculinas, femininas, infantis e agudas. Todas. Conforme o nível de condição física e psicológica, ou até mesmo medicamentosa, determinava se o paciente tinha condições ou não de desenvolver algumas atividades.

B.M. - Quais eram os objetivos das atividades que eram realizadas com os pacientes?

M.S. – Nós desenvolvíamos uma série de atividades, desde as lúdicas, pequenos jogos, jogos de mesa, ping pong, snooker, atividades de palco e pequenas peças de teatro. As festas tradicionais, que seriam Natal, Páscoa, o Carnaval, eram, às vezes, até um pouco fantasiosas, porque o nosso objetivo era fazer com que o paciente desenvolvesse o lado sadio, criativo e que ele tivesse um envolvimento, não só na festa como participante, mas como o que a fez, o que ajudou a desenvolvê-la. No Natal, por exemplo, nós trabalhávamos com o paciente trinta dias antes, porque isso o trazia a realidade, fazendo-o pensar sobre a família, a fazer uma série de coisas, que ajudava ele a fazer atividades para o Natal. Ou seja, preparar a decoração da unidade, trabalhar a parte de higiene, respeitando o lugar que ele estava. Então, o aspecto pessoal do paciente, a parte de higiene, tudo era desenvolvido dentro de uma atividade. No momento em que esta acontecia perdia-se seu objetivo, porque o importante era a preparação para a atividade.

B.M. – Como foi seu primeiro contato com o Hospital São Pedro?

M.S. – Meu primeiro contato com o São Pedro foi como qualquer um quando faz uma visita dessas. A pessoa fica meio chocada, sem entender o que está acontecendo. Na época que eu fui lá, pela primeira vez, o São Pedro era um filme de terror. Tinha um pátio masculino e um pátio feminino, trinta ou quarenta por cento dos pacientes não usavam roupas, independente de ser inverno ou verão. Eles não queriam ficar com as roupas. Eu imaginava no início, que era porque eles estavam sem condições ou não tinham roupas para vestir, mas, muitos deles, se despiam ou até rasgavam as vestes. Então, com o tempo, eu fui entendendo. O São Pedro foi se modificando nesse período em que estive lá, esses vinte e cinco anos de trabalho. Quando eu saí do São Pedro, tinham 800 pacientes e, quando eu entrei, tinham cinco mil. Então, as coisas se modificaram, os critérios de baixa, etc.

B.M. – Sentiu muita pressão psicológica dentro do HSP?

M.S. – Obviamente, todo mundo que entra em um hospital psiquiátrico do calibre ou do tamanho do Hospital São Pedro, sendo um hospital público, é muito pressionado. Ainda mais tendo que mostrar um trabalho. Não tínhamos uma ideia muito clara do que se queria fazer, era um pouco empírico no início, tudo era teste, tudo era início, a pressão era bem forte. Mas, com o tempo, as coisas vão se ajustando, nós vamos nos conhecendo, aprendendo a manejar o paciente, testando atividades e vendo resultados. Com isso, a situação vai se modificando.

B.M. – Você conseguia reparar resultados significativos com essas atividades realizadas?

M.S. – Os resultados foram tão gritantes depois de certo tempo que nós até vimos de uma maneira não tão clara como os que estavam de fora. Mas, os outros profissionais de outras áreas, psicólogos, psiquiatras, a parte da enfermagem, começaram a notar que o paciente começou a criar uma autoestima e começou a ter um cuidado maior consigo mesmo e com a unidade que ele pertencia. Então, nós criamos um vínculo maior entre paciente e hospital.

B.M. – Chegou a acontecer algum imprevisto com pacientes?

M.S. – Sempre tínhamos surpresas. Como tudo no início, imaginávamos uma coisa e acontecia outra, ainda mais com pacientes psiquiátricos. Mas, sempre tivemos um bom controle. Pedimos no início que acompanhassem os pacientes para as atividades, alguma enfermeira ou atendente, para que pudéssemos ter uma segurança maior no manejo deles.

B.M. – Como surgiu a ideia do Serviço de Recreação do Hospital São Pedro?

M.S. – O Secretário da Saúde da época, Dr. Jair Soares, tinha interesse em mudar a imagem do Hospital São Pedro. Quando foi proposto a ele pelo professor Rui Carlos Muller e por mim, Mario Guilherme Bulcão de Souza, essa implantação de um Serviço de Recreação Psiquiátrica, ele apoiou com grande força. Fomos ao HSP para tentarmos fazer atividades recreativas com os pacientes e ver qual seria o resultado. O Jair encarregou o

diretor geral do HSP, Dr. Hans³, de acompanhar essas atividades e ver qual seria o resultado. Foi aí que todo mundo se surpreendeu, até mesmo nós, porque as atividades tiveram um êxito grande que movimentou o hospital, o qual estava estagnado, parado. As atividades recreativas vieram a movimentar o HSP com trinta estagiários e dois técnicos no início. Depois mais três ou quatro técnicos. Começamos a agitar o hospital a movimentá-lo, além de ter resultados ótimos. Foi assim que se iniciou o Serviço de Recreação.

B.M. – Eram realizados torneios esportivos dentro do Hospital São Pedro?

M.S. – Não era muito comum, mas realizamos alguns torneios até mesmo de futebol sete, por incrível que pareça, com pacientes crônicos. E se jogava normalmente futebol com os alcoólatras, “drogadidos”, e com os agudos. Realizamos alguns torneios com as unidades de crônicos e era muito interessante. Havia uma motivação muito grande por parte dos pacientes para participar. Claro, que com um incentivo diário dos recreacionistas, dos estagiários em recreação, fazendo com que o time se preparasse fisicamente e fizesse camisetas. Aqueles que não jogavam faziam parte da torcida. Todos os pacientes eram levados para o campo e nós os dividíamos, os que tinham condições de jogar e os que não tinham. Ensinavam-se músicas ao pessoal da torcida, incentivava. Então, isso criou a possibilidade de nós fazermos alguns torneios, mas, o torneio em si, era o encerramento da atividade, pois, na realidade, o importante era esta preparação.

B.M. – Vocês utilizavam muito o conhecimento de Primeiros Socorros em algumas situações?

M.S. – Se tinha muito conhecimento de Primeiros Socorros, porque nós tínhamos muitos pacientes epiléticos. Então, quando aconteciam ataques epiléticos, sabíamos qual a posição que tinha que colocar o paciente, o cuidado para que ele não mordesse a língua, uma série de cuidados que se tomava na hora. E alguns casos que sempre aconteciam de pacientes caírem, terem uma pequena machucadura numa atividade física. Isso podia acontecer também. Então, já tínhamos uma noção bem clara do que fazer.

B.M. – Quão gratificante era o trabalho no Hospital São Pedro?

³ Hans Ingomar Schreen.

M.S. – Esse era o lado bom: era mais gratificante do que o salário [riso]. Era muito interessante. Então, todo mundo sentia-se extremamente gratificado ao término de uma atividade, que sempre tinha uma preparação muito grande. Como eu citei antes, o importante não era a atividade, e sim, a preparação. Então, esta sempre gratificava no final quando acontecia a festa, a peça, o show, o torneio. Quer dizer, o importante era a preparação para tudo isso. Mas, quando terminava, sentíamos extremamente gratificados e a população, tanto dos pacientes, quanto dos funcionários do São Pedro, nos passavam uma alegria muito grande por ver os seus pacientes conseguindo fazer coisas que nem eles imaginavam. Nós tínhamos - só para ilustrar - pacientes que eram considerados mudos e que, durante uma atividade recreativa, cantaram. Eram mudos, porque não foram solicitados a falar. Então, a recreação fez mudo cantar e uma série de milagres no Hospital São Pedro que até hoje as pessoas comentam lá dentro.

[FINAL DO DEPOIMENTO]